

Pe. Luiz Zver



Padre Luiz Zver

1913 - 2005

CARTA MORTUÁRIA

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Paróquia São João Bosco

São João del-Rei-MG

Maio - 2007

Caríssimos irmãos,

Padre Luiz Zver faleceu há quase dois anos. Pela sua personalidade marcante, pelos seus dotes morais, intelectuais e espirituais, pelo vulto de suas atividades, sentia-me desanimado só em pensar que devia traçar, em poucas linhas, seus 92 anos de vida, dedicada a Deus, aos jovens e às crianças, principalmente as mais carentes e empobrecidas de nossa terra. Através de sua vida, poderíamos estudar as grandes transformações do século XX.

Providencialmente, recebi do céu uma ajuda valiosa: a carta mortuária de nosso querido Padre Luiz, prontinha, elaborada pelo Pe. Jacy Cogo e complementada pelo Pe. Ilário Zandonade e outros amigos do nosso querido extinto. A eles agradeço cordialmente e, agora, passo a transcrever tudo o que escreveram.

Padre Zver: compará-lo? Com ninguém. Primeiro, porque é incomparável. Segundo, porque não se comparam pessoas. Deus olha aquilo que as pessoas são. Nós olhamos aquilo que as pessoas fazem.

Deus lida com números absolutos. Nós, com números relativos. Não há jeito de escapar do tempo e do espaço. Eles nos condicionam. Enriquecem-nos e nos limitam. Impregnam a nossa história. Põem freios à nossa liberdade. Escravizam-nos e nos fazem crer que somos livres. Quando eles faltam, é a morte. Quem fica lê a nossa história. Aquilo que os “senhores” espaço e tempo forneceram. Resta aquela escondida, resguardada, que tempo e espaço não lograram controlar. Parte dela fica estampada naquilo que fazemos. Por tudo aquilo que foi, pelo muito que deixou estampado de si, ousamos chamar de incomparável o nosso sempre lembrado e querido **Padre Luiz Zver**, a quem cabe o verso de Virgílio sobre a cidade de Roma, quando a compara a alto cipreste, no meio de pequenos arbustos: *“Verum haec tantum inter alias caput extulit urbes, quantum lenta solent inter viburna cupressi”*. Ou mesmo, a estupefação de São Jerônimo diante da grandeza de Paulo: *“Super quo melius est tacere quam pauca dicere”* E, por que não, o roubo do hagiógrafo, diante da fantástica figura de Moisés, no final do Livro do Deuteronômio: *“Nunca mais surgiu em Israel um profeta semelhante a Moisés — com quem*

o Senhor tratasse face a face — nem quanto aos sinais e prodígios que o Senhor lhe mandou fazer no Egito, contra o Faraó, seus servidores e o país inteiro, nem quanto à mão poderosa e a tantos e tão terríveis prodígios que Moisés fez à vista de todo Israel” (Dt 34, 10-12).

Nosso intuito aqui é registrar, ao menos, a sombra do tempo-espaço que Pe. Zver ocupou na sua vida salesiana, sobretudo os 51 anos que passou em São João del-Rei. *“Choraram-te, Luiz, as escarpas do Lenheiro, chorou-te a terra que pisaste, mais te chora este rincão fagueiro da bela São João del-Rei que tu ornaste. Por que não? Todo o povo brasileiro te louva nesta terra que amaste. Pedimos-te que a Deus ajuda peças, com que tua amada APAE favoreças”* (cf. Lusíadas, Canto X, 118).

PORTE FÍSICO E MORAL

Esloveno de nascimento, brasileiro de coração, salesiano de educação definem sua forte, lépida e juvenil personalidade. Tinha a tenacidade eslava, unida ao espírito aberto e amigo do povo brasileiro, além da paixão salesiana pela educação, que o imortalizou. Porte altivo e imponente, era solene e límpido no falar. A clareza vibrante de seu tom de voz fazia jus à fluência do português, raramente tão bem falado quanto o dele. Decidido em suas resoluções, desconhecia obstáculos. Ligeira e elegantemente calvo, era enfeitado por um par de olhos azuis lindos, penetrantes, perscrutadores. Protegiam-no dois supercílios abundantes, termômetros do seu bom ou mau humor. Termômetro também eram suas fortes dores de dente, logo adivinhadas pelos que com ele lidavam. Iam-lhe bem sejam os ternos novos, de festa de formatura, quanto os outros, surrados do dia-a-dia. Inteligência privilegiada, possuía presença de espírito, que lhe punha na boca respostas rápidas e lapidares.

No início da década de setenta, por iniciativa dele, a Faculdade Dom Bosco começou a ministrar o curso de revalidação dos estudos filosóficos para bispos, padres, ex-padres e pastores evangélicos que tinham feito sérios estudos em seus seminários e não tinham reconhecimento nenhum por parte do governo. A Faculdade se encarregava de

ministrar as disciplinas que faltavam no currículo. A Filosofia podia ser revalidada com uma monografia. A cidade via seus janeiros e julho repletos de proveitosos alunos, dos quatro cantos do País. Padre Luiz, com o garbo e a solenidade de um general, comandava aquele exército com alegria, rigor e competência. Examinava currículos, controlava inscrições, olhava listas de presença. Um dia chegou com o curso já começado. Passou revista na “tropa” e deu com um aluno “sem a veste nupcial”. Nome: Antônio Vieira... Padre Luiz chamou-o, incontinente: *“Muito prazer em conhecê-lo. Seu nome já o recomenda. Mas como o senhor me aparece aqui sem inscrição, sem o trabalho monográfico, sem pagar a taxa?”* O inquirido declinou suas credenciais: *“Padre Luiz, eu já fui deputado federal pelo MDB. Tive meus direitos cassados e preciso trabalhar. Soube deste curso e vim, com a cara e a coragem, para tentar fazê-lo. É a minha salvação”*. Uma luta de gigantes estava para começar: *“Sinto muito pela sua cassação; mas aqui estamos diante de uma questão acadêmica e não política. Por questão de justiça, não posso deixá-lo frequentar o curso”*. Antônio Vieira tirou do bolso uma carta. Era do, então, deputado federal, Dr. Tancredo Neves, amigo, admirador e benfeitor do Padre Luiz. Decidido como sempre, leu a carta e continuou: *“Em que pese minha amizade com Dr. Tancredo, estamos aqui diante de uma lei que precisa ser cumprida”*. Vieira jogou então sua última cartada. Desfiou, com pormenores e datas, a história do decreto do qual ele tinha sido relator no Congresso. Provou, no fim da lógica, que, se a Faculdade Dom Bosco estava ministrando aquele curso, era porque ele tinha feito a lei. A conclusão veio peremptória: *“Se foi o senhor que fez a lei, então ajude-nos a cumpri-la”*. Antônio Vieira fez o curso no semestre seguinte e os dois se tornaram grandes amigos.

A verdade nivela sempre por cima. Minimamente preocupado com o que iriam dizer os outros, amava o que fazia e fazia o que amava. Não escondia seu gênio fogoso e altaneiro nem seu coração, repleto de ternuras educativas. Ironizava e aceitava ironias com o estoicismo de um sábio.

Tinha o costume de chegar sempre dez minutos atrasado para o almoço. Um dia, chegou e viu que o refeitório estava todo revirado,

com mesas, cadeiras, guardanapos, tudo fora das convenções. Aliás, era o espírito revolucionário da década de 1970. Ironizou, enquanto procurava seu lugar: *“Falam tanto de comunidade nesta casa e, depois, fazem estas trocas sem avisar a gente”*. O Padre Pedro Scaramussa, outro de respostas sempre prontas, não perdeu a chance: *“Padre Luiz, isso foi combinado nos primeiros dez minutos do almoço de ontem”*. O almoço continuou, como se nada tivesse acontecido.

A mesa do seu escritório, repleta de papéis em desordem, apontava para um homem trabalhador em várias frentes. Lecionava, o dia inteiro, disciplinas as mais diversas. Viajava com frequência a serviço da Faculdade Dom Bosco. Foi no retorno de uma de suas viagens que bateu de cara numa parede que construíram no corredor dos quartos, justamente na sua ausência.

Regia o “Anambé”, coral dos alunos estudantes de Filosofia. Dirigia os oratórios São Caetano, antes, e Santa Terezinha, depois. Por motivos pouco claros para ele, foi afastado da direção do Oratório Santa Terezinha e da regência do “Anambé”. Anos depois, comentava, com fina ironia: *“Talvez, no dia do Juízo Final, alguém vai me dizer por que fui tirado do Santa Terezinha e do ‘Anambé’”*.

Não lhe bastavam as altas horas da noite ou avançadas madrugadas. A porta de seu escritório, espaço acanhado e mínimo, estava sempre aberta a todos. Mais tarde, os alunos da APAE terão a merecida preferência. Atendia a todos. Desde os mais humildes aos mais graduados.

Difícil encontrar alguém de tanta capacidade intelectual. Girava pelos tratados da filosofia com indiscutível competência. Enfrentava os clássicos latinos em suas elegantes sutilezas. Descobria-lhes as falhas e infelicidades. Comentando a primeira intervenção de Enéias, durante a terrível tempestade descrita no Canto Primeiro da Eneida, ironizava: *“Muito infeliz o senhor Virgílio. Ao invés de apresentar seu herói enfrentando ventos e ondas, fá-lo aparecer com as calças cheias”*.

Conhecia a legislação escolar brasileira como se fora ele quem a tivesse feito. Um dia teve que ir a Brasília para a solução de um problema de legislação escolar. Depois de ser mandado de uma sala para

outra, sem ter a resposta desejada, saiu-se com esta: *"Muito me admira que sejam os senhores os primeiros a ignorarem as leis que fazem"*.

"Da Música ao Grego, da Filosofia à Química, não havia assunto que ele não abordasse com competência e clareza. Nunca alguém o viu à toa. Sempre trabalhando. Não consta que tirasse férias. Foi descansar no Paraíso, conforme recomendava Dom Bosco. Crescido no Oratório, absorveu o espírito oratoriano do trabalho e da temperança, do otimismo e da alegria, da bondade do coração. Saíram ganhando a cultura brasileira, a comunidade são-joanense e os mais pobres entre os pobres da APAE".

CURRICULUM VITAE

O *curriculum vitae* do Padre Luiz indica que nunca ocupou cargo de direção. Não foi o primeiro nem será o último. Onde era posto, dali ele dirigia, protagonizava, criava, expandia. Catequista, conselheiro escolar, diretor de oratórios festivos, confessor, vice-diretor da Faculdade Dom Bosco, professor... jogava-se todo na missão que lhe era confiada. Será diretor eterno da APAE após a década de 1970. Pertencia àquela geração de salesianos que vinham ainda jovens fazer o noviciado aqui no Brasil. Espírito tipicamente missionário, portanto. Antes do Concílio Vaticano II, levas e mais levas de missionários, em sua maioria jovens, eram enviados a diversas partes do mundo. Uma solene celebração de envio era feita na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em Turim. Na década de 1930, estava Luiz Zver entre os enviados, então com 17 anos. *"Estes, pela fé, conquistaram reinos, exerceram a justiça, foram contemplados com promessas"* (Hb 11, 33a). Pertencia à galeria de heróis da fé. Aportou em Santos, no dia 18 de dezembro de 1930.

Nasceu em Toklocovje – Prekmurje, Eslovênia, no dia 8 de abril de 1913. Seus pais respondiam pelos nomes de Martin Zver e Maria Tivadar. Conforme o costume da época, foi batizado logo no dia seguinte. Frequentou o oratório festivo de sua cidade natal, onde fez seus estudos básicos, que foi terminar em Foglizzo, Itália. Em 1931, fez o noviciado em Lavrinhas - SP, onde concluiu também seus estudos filosóficos. Na-

queles tempos nem se sonhava com títulos universitários. Toda aquela competência não valia nada para o nosso sábio governo. Cachoeira do Campo - MG e Riachuelo - RJ tiveram-no como tirocinante. Votos perpétuos, os fez em 1937, e o curso de Teologia, na Lapa - SP, com uma interrupção em 1940, para trabalhar em Niterói.

Os estudantes de teologia trabalhavam em oratórios festivos, geralmente ligados a uma obra salesiana já existente. Um grupo de teólogos se viu sem fazer nada aos domingos. Combinaram, entre si, e organizaram um oratório "clandestino" numa das muitas favelas de São Paulo. Tudo na surdina, naturalmente. Um dia, passou por lá o arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, e indagou sobre a assistência religiosa na favela. Informaram-no que um grupo de padres, da Rua Pio XI, ia para lá todos os domingos, dava catecismo e brincava com as crianças. O arcebispo passou pelo Instituto e foi agradecer ao diretor pelo trabalho dos salesianos na favela. O que aconteceu depois fica à imaginação de quem conheceu a Lapa de outros tempos. Ou não terá sido esse o motivo da interrupção dos estudos em 1940? No grupo, salvo engano, estavam os estudantes Nelson Del Mônaco, Luiz Zver, Duarte Costa e outros.

Ordenou-o presbítero Dom José Gaspar, em 8 de dezembro de 1941. Exatamente cem anos antes, na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, em Turim, Dom Bosco iniciava a obra dos oratórios, matriz perene do espírito salesiano.

De 1942 a 1954, trabalhou em Ponte Nova - MG, Cachoeira do Campo - MG, Niterói - RJ, São João del-Rei - MG e Goiânia - GO. Em 1955, voltou para São João del-Rei, onde passou da cela para o céu, imortalizando-se por todos os sinais e prodígios que o Senhor mandou que fizesse nesta terra.

Erraram, ou esqueceram, se não cobriram seu caixão com a bandeira nacional.

Padre Luiz Zver faleceu em 13 de junho de 2005, no Hospital Nossa Senhora das Mercês, carinhosamente assistido por médicos, enfermeiros, funcionários e pelos seus irmãos salesianos, aos 92 anos de idade.

Conta o Pe. Jacy Cogo:

“Não queria ir para São João del-Rei. Não escondeu isso de ninguém. Vinha de Cachoeira do Campo, a ‘Terra Prometida’ de outrora. Estava bem lá. Conta-se que, quando alguém perguntou se fizera boa viagem, respondeu, seco e mal humorado: ‘O *ônibus me trouxe*’. A veracidade do fato se demonstrava nas pesadas aulas de latim que dava, no nosso sétimo ano de seminário – uma espécie de preparação para o noviciado. Ninguém tinha coragem de perguntar nada. Puro medo! Soltou-se só na década de 1970, quando houve várias e radicais mudanças de direção e de regime. Coisas da história de cada um de nós, vítimas do tempo, do espaço e de outros tiranos. No dia 8 de abril de 1960, dia de seu aniversário, fui escolhido para fazer o discurso de saudação. Por sorte, numa das aulas de latim, havia conquistado sua confiança numa tradução da primeira *Écloga* de Virgílio. Quando me levantei, ele também se levantou, brandindo uma faca na mão. Disse: ‘*Dê cá o discurso que eu mesmo leio*’. Um pouco assustado, recolhi o resto de coragem que tinha e li o discurso. Vi o seu primeiro sorriso alegre, em público. Quando agradeceu, aludiu ao novo espírito que reinava na casa. Algo mudara profundamente. Por trás estavam as figuras imponentes do Pe. Décio Batista Teixeira, inspetor, do Pe. Tiago Adão Lara, do Pe. Antônio Pacheco de Paula, do Pe. Alfredo Carrara de Melo, do Pe. Wolfgang Gruen, do saudoso Pe. João Duque dos Reis e de outros salesianos que intuíram que os tempos eram outros. Com seu espírito aberto, fizeram o Padre Luiz Zver sentir-se à vontade e em família. Lidar com o diferente requer muita sabedoria e santidade. Lá não faltavam nem uma nem outra. Os santos nivelam e se nivelam por cima.”

FUNDADOR DA APAE (ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS)

Como acontece com os grandes pensadores, também Padre Luiz teve um período romântico, deu azo à realização de seu sonho orato-

riano, na construção da APAE. Ali ele despejou todo o seu entusiasmo, sua fé, sua coragem, seu carisma em suma. Como Dom Bosco, começou tudo num porão da Faculdade Dom Bosco, sinal da mão gratuita de Deus. Em uma reunião da comunidade, Padre Zver propôs levantar uma parede no porão, para dividir duas salas. A comunidade foi contra, por motivos de claridade, de abafamento, de calor e outras. Padre Pedro Scaramussa provocou de novo: *“Por que não faz uma parede de bambu, Padre Luiz? Isto resolveria todos os problemas”*. Já meio irritado, Padre Zver retrucou: *“Mas não vê que não assenta, Pedro?”* Padre Pedro não deixou para depois: *“Ponha os bambus em pé, Padre Luiz”*. A hilaridade tornou-se realidade. Uma cerca de bambu foi levantada. Prefiro deixar aqui aos historiadores a tarefa dos pormenores documentais. Prefiro ficar na figura máscula e corajosa do Padre Zver. Quando expôs, na reunião da comunidade, que pretendia construir um prédio para a APAE, alguém lhe perguntou se já possuía os meios para tal construção. *“Os mesmos que tinha Dom Bosco, quando começou o templo de Maria Auxiliadora, em Turim”*, foi a resposta pronta e definitiva, ao estilo dele. Assim, como para Dom Bosco, vieram as dificuldades, as lutas, as dívidas, os empréstimos, os papéis perdidos. Sonho atrás de sonho, aquela é, hoje, **a casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio onde se encontram como amigos e vivem com alegria** (Constituições Salesianas, 1984, art. 40).

Os santos serão sempre desconcertantes, mesmo diante da sadia obediência. Para além dos limites da instituição salesiana, mas dentro do seu espírito mais genuíno, criou o mais perfeito Oratório que Dom Bosco havia sonhado para aqueles a quem falta a maior das riquezas: a saúde.

Ainda como Dom Bosco, fez-se ajudar por todos, grandes e pequenos. Quem viu surgir a APAE viu surgirem também milhares de corações generosos, colaborando em campanhas e doações de todo tipo. Também os santos se nivelam por cima. A terra ilustre e gloriosa de São João del-Rei, além de possuir tesouros históricos dos mais lindos da humanidade, graças ao Padre Zver, passou a ter o mais novo

tesouro do coração de Deus: uma casa para os mais pobres entre os pobres. *“Quem acolher em meu nome uma destas crianças, acolherá a mim mesmo. E quem me acolher, acolherá não a mim, mas Àquele que me enviou”* (Mc 9, 37).

A APAE foi construída durante os anos rígidos da ditadura militar. O policiamento das atividades dos cidadãos era ostensivo. Seja por causa da obra que iniciava, seja pela sua personalidade que impunha respeito, Padre Zver tinha livre trânsito com os comandantes do 11º RI, sediado em São João. Quando precisava, pedia mesmo.

Certa vez, num Sete de Setembro, convidou o comandante para hastear a Bandeira nacional. Chamou um dos alunos da escola, o Donato, e ensinou-o a pôr a agulha no disco de vinil. Repetiu a prova várias vezes. A faixa era o Hino Nacional. Na hora H, quando o comandante começou a hastear a Bandeira, o Donato se atrapalhou todo e pôs a agulha na faixa errada. E saiu a música *“Marcha, soldado, cabeça de papel. Se não marchar direito, vai preso pro quartel”*. Com a presença de espírito de sempre, Padre Zver comentou: *“Assim, o senhor pode ver que se trata de uma escola realmente excepcional”*.

Do seu grande amor pela APAE, ficou o livro *“Pequena História (Ilustrada) da APAE de São João del-Rei”*, por ele escrito e de que tanto se orgulhava.

COM ELE COMEMOS E BEBEMOS (At 10, 41b)

Nos seus mais de 50 anos em São João del-Rei, muita gente conviveu com o Padre Luiz. Convivências as mais diversas e em graus também diversos. O impacto causado por essa convivência está ligado a um punhado de fatores. Uma coisa é conviver com alguém como seu superior ou professor; outra é como aluno; e outra ainda, como igual. Passo aqui a palavra a quem com ele conviveu em diversos níveis. Não nos esquecendo de que todo ponto de vista é visto de um ponto, e a verdade é um lindíssimo prisma de infinitas faces.

Assim se expressa o prof. João Bosco de Castro Teixeira, ex-salesiano:

“A presença do Padre Luiz em minha vida se deu em três momentos: quando clérigo, estudante de Filosofia e Letras; quando professor na Faculdade Dom Bosco; quando, ex-salesiano, o acompanhava nas atividades da APAE. Nos três momentos, algumas constâncias. Primeira delas: o incentivo ao bom trabalho, ao trabalho feito de maneira bela: *‘Por que fazer de maneira feia algo que pode ser feito de maneira bela?’*. Segunda: fazer valer os votos professados: *‘Nós os fizemos a Deus e não aos superiores, que passam e nem sempre estão dispostos a ouvir a Deus’*. Terceira: nada substitui a presença do coração: *‘Fazer-se amar, como queria Dom Bosco’*. Acho que Padre Luiz foi assim: como sabia levar a gente a fazer as coisas de forma bonita. Carismático que era, nunca fez muita questão de fazer o que os superiores queriam. Obedeceu, sim, mas ia além da vontade ou do capricho deles. E que presença no coração das pessoas com quem trabalhava! Em seu velório, as mais diversas pessoas, dos mais diversos níveis culturais e sociais, chegavam e se comportavam como se tivessem ficado órfãs. Como aquilo me tocou! Apesar de ter ouvido lindos sermões seus, esse foi o mais fecundo de todos para mim.”

“Em Padre Luiz, além de tanta coisa, alguns detalhes eram curiosos e me impressionavam: não ter medo de fazer as coisas como era possível e não da melhor forma; conseguir ver o essencial e abrir mão do secundário; entusiasmar as boas iniciativas; dar coragem aos fracos, quando conseguiam se exprimir; saber explorar o lado positivo das pessoas (nisso, particularmente, era mestre); a ironia cáustica contra qualquer tipo de poderoso” (João Bosco de Castro Teixeira, em 8 de janeiro de 2007).

Padre Ilário Zandonade, secretário do Conselho Inspetorial da Inspeção São João Bosco, assim escreve:

“No cinquentenário de sua chegada ao Brasil, em Cachoeira do Campo, ele disse: *‘Saí de minha terra com 15 anos, estudei na Itália*

e vim, em seguida, para o Brasil, com 17 anos. Hoje, seria impensável fazer isso'.

Nas comemorações do aniversário de sua ordenação presbiteral, ele fazia referência ao dia de sua ordenação: os seus colegas tinham familiares e faziam alguma comemoração. Ele não tinha não só ninguém, mas nenhuma comunicação com seus parentes, devido à guerra; ninguém entre os familiares ficou sabendo. Lá ficou ele, totalmente solitário, e nem seus superiores nem seus colegas fizeram qualquer coisa para suprir essa lacuna.

Trabalhou sempre como professor na Faculdade Dom Bosco, exercendo outras funções paralelas. Foi diretor do Oratório São Caetano e, posteriormente, do Oratório Santa Terezinha, auxiliado pelos estudantes de Filosofia. Foi o fundador, em 1959, do Centro Artístico e Cultural de São João del-Rei, que promoveu muitos eventos, dando vida artística e literária à cidade. Participou na criação do Museu Regional e do Instituto Histórico e Geográfico da cidade. Com os clérigos do curso de Filosofia, organizou o coral denominado "Anambé", que fazia muito sucesso nas celebrações e nos eventos culturais.

A Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras foi uma das primeiras do interior de Minas Gerais e exerceu grande influência na região. Tornou-se vice-diretor dessa Faculdade, mas, na prática, foi seu diretor por muitos anos, pois o diretor exercia também o cargo de diretor da comunidade salesiana e do Colégio São João. Em 1967, fundou a APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, inicialmente nas dependências da Faculdade, com intuito também de servir para estudo e estágio dos estudantes de Pedagogia. Ele, em 1969, assumiu a direção da APAE e nunca mais a deixou, mesmo nos períodos de doença grave. Com a transferência dos pós-noviços para Belo Horizonte e a diminuição dos salesianos da comunidade, Padre Luiz teve que suprir a falta de professores, e lecionou muitas disciplinas nos diversos cursos, principalmente nos cursos de Letras e Pedagogia.

Em 1987, a Faculdade Dom Bosco foi assumida pelo governo

pulsória em 1988, que ele chamava de “expulsória”, pois achava que poderia continuar lecionando.

PERSONALIDADE

Padre Luiz era dotado de uma inteligência privilegiada, de uma memória invejável e de uma sensibilidade artística excepcional. Ele tinha pendores extraordinários para as línguas. Ainda como estudante, na Itália, foi escolhido pelos colegas italianos como orador da turma. No Brasil, falava tão bem o português como poucos brasileiros eruditos. Tinha uma personalidade forte, mas muito sensível. Respondia às perguntas com frases rápidas e lapidares, com humor e, às vezes, com ironia. Muitas dessas tiradas ficaram célebres e são repetidas com frequência pelos que conviveram com ele.

O professor da UFSJ, Antônio Gaio, que também foi seu aluno, o descreveu muito bem:

“Sem títulos universitários, que nunca lhe fizeram falta, por considerá-los, muitas vezes, inúteis ornamentos da vaidade humana, foi, no entanto, um dos mais eruditos e competentes mestres que São João já teve. Fazendo da leitura constante um hábito inveterado, Padre Luiz tornou-se um grande humanista, entendido em quase tudo, desde Filosofia e Teologia, Psicologia e Pedagogia, até Música, Literatura e línguas. Poliglota, conhecia diversos idiomas como, além de sua língua materna, o grego, o latim, o italiano, o francês, o espanhol, o alemão e, lógico, a nossa língua, da qual, mais do que ninguém, era hábil e ladino cultor.”

FRASES CÉLEBRES

As frases do Padre Luiz eram sempre repetidas e comentadas por todos. Uma das frases célebres se referia às placas das estradas:

Curva perigosa. Dizia: “Se sabiam que era perigosa, por que a fizeram perigosa?”. Essa frase recebeu inúmeras versões. Mas o fato é que o Governo começou a usar placas com os dizeres *Curva acentuada*. Ele lembrava esse fato com orgulho.

Certa vez, roubaram dinheiro do seu escritório. Disse: “É preferível errar, perdendo, a acertar, acusando”.

Para as mães que vinham queixar-se, dizia: “Não devemos satisfazer os desejos dos adultos, mas sim as necessidades das crianças”.

Quando ele pensava em encontrar um lugar para a APAE, os salesianos deixaram a Escola Agrícola Padre Sacramento e devolveram o prédio e o terreno ao Estado; e este passou-o para a Prefeitura, que o deixou abandonado. Ele queria que fosse transferido para a APAE. Ficou profundamente sentido por não a terem confiado a ele ou nele. Teve que se desdobrar para encontrar um terreno e construir sua associação, quando lá já estava quase tudo pronto, com um terreno maravilhoso, com o qual poderia sustentar a associação por muitos e muitos anos.

Sempre foi administrador da APAE, independentemente das diretorias que se sucediam. Tinha prestígio para conseguir os recursos necessários para sua manutenção. Mas, durante sua doença, problemas na direção fizeram com que houvesse uma intervenção da Federação das APAEs. Assim, no fim da vida, viu sua APAE sendo administrada por estranhos. Foi um duro golpe para ele, que talvez tenha apressado sua morte.

O Pe. Jacy Cogo descreve:

“Certa ocasião chegou aos ouvidos do Padre Luiz uma crítica aos padres salesianos, que só cuidavam de escolas e não evangelizavam. Foi o mesmo que jogar fogo na gasolina. A resposta veio pronta: “Pois é justamente o contrário: ‘Euntes, docete – Ide, ensinai’. Nós é que estamos certos”. Educar e ensinar ocuparam a vida inteira do Padre Luiz. Embora sendo professor à moda antiga, quando um professor tinha que saber um pouco de tudo, ele sabia muito de tudo. Impressionava

a todos o seu português perfeito, claro, fluente no falar e no escrever. Suas pregações eram lindas, sem gaguejos ou paradas sem jeito. Enfrentava os clássicos latinos, explorando-lhes as nuances e as sutilezas, e criticando suas infelicidades. Girava pelos tratados de filosofia como se jogasse em campo próprio. Conhecia muito bem as principais línguas ocidentais. Sua didática não era lá grandes coisas, mas era suprida pela sua competência."

APAE

Nas palavras do prof. Antônio Gaio, ex-aluno da FDB,

"Seu carisma, sua paixão sacerdotal ficaram definitivamente registrados na história da educação são-joanense quando, em 1967, decidiu-se pela fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Foi aí, entre as meninas e os meninos muito especiais e especialmente prediletos do Divino Mestre, que Padre Luiz fez-se todo em atenção e carinho e deixou as marcas indeléveis de sua fé, a razão de sua esperança e o testemunho de sua caridade. Para aquelas crianças construiu imponentes instalações no bairro das Fábricas, formou uma chácara no Bengo e edificou uma casa-lar, destinada a acolher as crianças mais desamparadas. Sobre a história dos primeiros 30 anos da APAE, esse extraordinário discípulo de Dom Bosco escreveu um minucioso e comovente relato, que a gráfica da mesma instituição, pelo trabalho de seus próprios alunos, publicou com o nome de *Pequena História Ilustrada da APAE de São João del-Rei*."

A APAE funcionava nas dependências da FDB, mas sem um lugar apropriado. Ele assumiu a obra e seu espírito: conseguiu terreno e construiu prédios para as aulas, oficinas e uma casa-lar, para abrigar deficientes profundos. O seu prestígio fez com que fosse membro da Diretoria Nacional da Federação das APAEs. Participava nos Congressos das APAEs com sua palavra autorizada e com seu exemplo. Estimulou muitas fundações de APAEs, principalmente nas cidades vizinhas de São João del-Rei.

DOENÇA

Desde 1992, manifestou-se em Padre Luiz Zver um câncer bem avançado na próstata. Fez a cirurgia e o médico lhe deu uns três anos de vida. Viveu mais 13 anos. Era difícil convencê-lo de ir ao médico e, mais ainda, ao hospital. Logo que percebia alguma melhora, queria voltar ao trabalho. “Mesmo em condições precárias de saúde, não deixava de ir à APAE. Há todo um folclore de sua relação com médicos e hospitais. Certa vez, internado por ter desmaiado, de madrugada fugiu do hospital e veio comer em casa. As respostas eram sempre do seu estilo. Perguntado como caiu, respondeu: “Se eu soubesse como, não teria caído”. Dentre os enfermeiros que lhe deram assistência desde o início da doença, destaca-se o Sr. Jorge Meirelles, que o acompanhou todos esses anos com carinho e dedicação e, inclusive, o acompanhou numa viagem à Europa, para visitar seus parentes. Sr. Jorge é o sacristão do Santuário Dom Bosco e Padre Luiz sempre o chamava de “Monsenhor Jorge”.

O Sr. Jorge Meirelles narra:

“Certa vez, o Padre Luiz saía da APAE, dirigindo o seu carro branco, e não olhou nem para um lado nem para o outro. Veio descendo a Avenida Leite de Castro um outro carro. Bateu no carro branco. Padre Luiz ficou ‘brabo’ e desceu do carro, discutindo com o motorista. Quando o homem percebeu que era Padre Luiz, disse: ‘Ó Padre Luiz, o Sr. entrou na rua sem olhar’. Aí o Padre Luiz respondeu: ‘Mas foi o Sr. que bateu e não eu’. E teve que chamar o Pe. Ilário, para sanar o impasse.

Outra vez, o Padre Luiz não estava bem e Pe. Ilário propôs que ele fosse levado ao médico, Dr. Omar. Padre Luiz disse: ‘A qual veterinário iremos?’ Chegando à Santa Casa de Misericórdia, o doutor pediu-lhe que se deitasse em uma das camas a fim de ser examinado. E Padre Luiz: ‘Por que deitar, se não estou cansado nem com sono?’ Mesmo assim, obedeceu. Após o exame, o médico disse-lhe que deveria ficar internado por uns dias, para submeter-se a exames clínicos. Então, ele ficou zangado e disse: ‘Por que tenho que ficar aqui? Eu não posso deixar as

crianças da APAE sem assistência'. O médico respondeu: 'Padre Luiz, eu sou seu amigo e quero ficar perto do senhor'. Padre Luiz retrucou: 'Se o senhor é realmente meu amigo, então leve seu consultório para a APAE que, aí, o senhor vai ficar perto de mim o dia todo'."

DEPOIMENTOS

"Eu era clérigo, estudante de Filosofia, em São João del-Rei, quando, em fevereiro ou março de 1949, apareceu Padre Luiz como professor de Filosofia. Foi uma experiência rica e gostosa: ele era profundo, responsável, didático. E era ele também o diretor do Oratório Festivo São João, no qual passei a trabalhar, aos domingos. Padre Luiz, aí, era o homem prático, simples, decidido, capaz de comunicar-se com a garotada.

Quando voltei da Teologia, feita em Turim, Itália, reencontrei Padre Luiz, praticamente diretor da Faculdade Dom Bosco, embora não o fosse oficialmente. Um 'pé-de-boi' no trabalho. Amante ciumento da FDB. Um estudioso obstinado. Leitor incansável, sempre com um livro ou uma revista na mão: em português, francês, italiano, espanhol, latim ou em alguma língua eslava. E pensar que Padre Luiz, pelo que me consta, não tinha títulos acadêmicos. A vida o licenciou, "mestrou" e doutorou. Aliás, pós-doutorou.

Ele era também o cidadão são-joanense, criador de mil e uma atividades capazes de engrandecer a cidade. Quem não se lembra do CAC (Centro Artístico e Cultural), dos teatros que ele promoveu e incentivou? Dos cursos de verão que levaram o nome de São João a todos os rincões do Brasil?

Um capítulo à parte: Padre Luiz e a APAE.

Para mim, a marca mais profunda do Padre Luiz: a garra pela vida. Ela explica todas as suas virtudes e até os seus defeitos, pois esses, em grande parte, se explicam pela obstinação que tinha em realizar algo a favor de seus alunos da APAE."

Tiago Adão Lara

“Durante dias, meses, anos a fio, ele trabalhou, de coração, pela comunidade da APAE. Também com ele, todas as pessoas espiritualmente dotadas prestaram serviço, direta ou indiretamente, para dar continuidade ao trabalho magnífico que foi realizado em prol dessa entidade.

Hoje, Padre Luiz, gostaríamos de falar sobre tudo de bom e belo que sentimos e pensamos a seu respeito. Mas as palavras se atropelam em nossas almas. Para não ser injusta, faço das minhas palavras uma única homenagem de todos os integrantes do Instituto Auxiliadora.

O mais valioso de todos os tesouros existentes na face da terra é o amigo; milhões desses tesouros já se foram e outros milhões ainda serão resgatados por Deus.

Padre Luiz, você foi vitorioso, pois teve seus direitos reconhecidos, mostrou ao mundo o quanto foi importante sua participação no meio dessas crianças deficientes física e mentalmente.

Viva você, Padre Luiz que, deixando de ser luz de vela, passou a brilhar como uma estrela de primeira grandeza.

Sua ausência amiga nos traz profunda saudade.

Contudo, tentaremos fazer e continuar um pouco do seu trabalho, e nos lembraremos de você, com gratidão. Descanse em paz, na mansão dos santos!”

Maria Goretti Reis

“Não me foi possível participar da celebração por ocasião do falecimento do inesquecível Padre Zver. Deixo aqui alguns pensamentos esparsos e desordenados, que me ocorreram quando recebi a notícia de seu falecimento. São alguns traços que chamaram a atenção, creio, de todos nós:

- Notável saber e ainda mais notável sabedoria.
- Apreciado orador – elegante, profundo, comunicativo.
- Discreto no que dizia respeito à sua pessoa, família, pátria.
- Persistente nos empreendimentos assumidos.
- Personalidade forte.

- Fino senso de humor, brincalhão, à vontade com irmãos de Congregação e amigos.

Esperemos que se concretize a idéia, muitas vezes aventada, de recolher seus numerosos aforismos: 'ZVERdades do Padre Luiz'.

Respeitado como latinista, lingüista e filólogo – hoje espécie rara. Dominava o português como poucos nativos; privando com ele, sempre se aprendia alguma palavra nova.

Foi por seu empenho que, nos seus inícios, a Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras – hoje, respeitada universidade federal – logo alcançou alto nível de seriedade e qualidade, reconhecido em todos os rincões do País.

Dedicou-se, sem reservas, à APAE, desde a fundação.

Pelos 50 anos ininterruptos que marcaram sua presença em São João del-Rei, e pela riqueza de suas qualidades e idiossincrasias, é o herói de um sem-número de anedotas e lendas.

Pessoalmente, devo muito a ele. Quando cheguei ao Brasil, orientou minha aprendizagem do português, junto com o Pe. Antônio Lages.

No Colégio Santa Rosa de Niterói, foi assistente da famigerada "Segunda Divisão" dos internos, dos "médios"; foi educador dedicado, sério e amigo, o tipo de assistente de que nós, adolescentes vivos e exigentes precisávamos.

Enfim, foi uma figura inesquecível. Só podemos agradecer ao Senhor esse presente maravilhoso que o Padre Luiz Zver foi para quantos pudemos conviver com ele."

Pe. Wolfgang Gruen

"Impossibilitado de estar presente nas exéquias do nosso querido e admirado Pe. Luiz Zver, quero manifestar, em meu nome e de minha esposa Margarida, os mais sentidos pêsames a todos vocês.

É uma perda muito grande para a comunidade e para os salesianos em geral. Padre Luiz Zver encarnava o espírito salesiano em sua totalidade. Dotado de inteligência brilhante, sabia unir esse brilhantismo a uma sábia humildade. Seu fino espírito de ironia destacava as conversas e reuniões em que estivesse presente.

Como aluno seu, além dessas qualidades, quero lembrar seu talento em estimular-nos na busca do saber e na procura da verdade.

Para mim foram edificantes seus últimos anos, tanto em relação às atividades da APAE, nas quais ele se dedicava como um jovem, como em encarar sua última doença: sabia superar, com o sorriso e o bom humor, suas dores e seus achaques. Foi um exemplo para todos nós, mais jovens.

Até nos mínimos detalhes, ele sabia dar um toque pessoal. Lembro-me de como ele, frisando minha condição de ex-funcionário da ONU, mostrou-me como deveria abrir uma garrafa de champanhe. Com classe, diplomacia e simplicidade, sem ofender, sem mostrar nenhuma afetação. Na comemoração dos 70 anos do Pe. Jayme, me comoveu sua presença na missa, ali na sacristia, apesar de suas dores, simbolizando, com sua presença, a união, o respeito e o carinho para com um irmão mais jovem, mas seu superior.

Por tudo isso, vamos sentir muito sua falta. Deixa ele uma grande lacuna, difícil de ser preenchida. Seu exemplo, por certo, será uma luz em nosso caminho. O que nos consola é nossa fé, que nos faz ver que ele já está gozando da presença eterna de Jesus e de Nossa Senhora.

Que o Padre Luiz Zver, pela misericórdia de Deus, descanse em paz.”

De Fortaleza - CE, Claudionor Evangelista

“Prezado Padre Jayme:

Recebo, neste momento, a notícia da morte do Padre Luiz Zver. Uno-me aos irmãos, na mesma ação de graças a Deus.

Sim, porque fomos agraciados com a presença do Padre Luiz, que foi sinal da sabedoria de Deus em nosso meio. Sabedoria no tempo presente, sabedoria proverbial, sabedoria para ler a vida humana na dimensão divina. Como discípulo, percebo o dom que foi sua vida em minha formação.

A sua não era uma sabedoria teórica, mas uma sabedoria manifestada nas sábias escolhas de opção pelos menores entre os pequenos.

Padre Luiz foi o Pai da APAE de São João e pai na APAE”.

Pe. Tarcísio Scaramussa, conselheiro geral para a Comunicação.

“Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé’ (2Tm 4,7). Padre Luiz terminou sua bonita carreira de dedicação e zelo, sobretudo pelos pobres. Que, da Casa do Pai, continue a abençoar o trabalho apostólico dos salesianos em São João. Nossos sentimentos e preces.”

Família de D. Antônio de Almeida Lustosa

“Recebam nosso abraço e nosso sentimento pela perda do Padre Luiz Zver. Sua falta será eternamente sentida junto ao movimento social são-joanense e junto àqueles que clamam por justiça.”

Reginaldo Lopes, deputado federal

“Nós, salesianos de Venda Nova do Imigrante-ES, queremos manifestar os nossos sentimentos de pesar pelo falecimento do nosso irmão Padre Luiz Zver.

Queremos ser solidários com vocês e, juntos pela oração, pedir a Deus que o acolha no céu e lhe recompense pelo bem realizado durante toda a sua vida.”

*Pe. João Luís Galvão, pelos salesianos
de Venda Nova do Imigrante-ES*

“Recebi, com pesar, a notícia do falecimento do Padre Luiz. Nesse momento, palavras são pequenas demais para expressar o sentimento que passa dentro de mim. Uso as palavras do próprio Cristo: ‘Na casa do meu Pai há muitas moradas. Vou preparar um lugar para vós... a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também’ (Jo 14, 2-3).

Com toda a certeza, posso dizer: os salesianos perderam um grande irmão. São João del-Rei perdeu um grande homem. A APAE, um grande PAI. Eu, um grande irmão, AMIGO..., e tudo mais que foi o Padre Luiz Zver.

Padre Luiz continua sendo parte da minha vida. ‘Não morre quem continua vivo na lembrança’. Gostaria de estar junto a ele nessa des-

pedida. Espero que ele continue dando-me aquela força que sempre teve para viver e trabalhar.

Um irmão distante, que sente a partida do Padre Luiz.”

Pe. João Norberto

“A *Helianto Cotei* solidariza-se com a dor da Família Salesiana pela perda do nosso inesquecível P. Luiz Zver.”

Equipe Helianto Cotei

“Profundamente consternada pelo falecimento do saudoso e estimado Padre Luiz, envio sentidos pêsames a toda a Família Salesiana enlutada, com preces pelo descanso eterno de tão boníssima alma.”

Lavínia B. Resende Silva

“Personalidades da área da Educação das 41 superintendências Regionais do Ensino do Estado de Minas Gerais foram premiadas, na última quarta-feira, 25, com medalhas e diplomas da ‘Ordem do Mérito Educacional’ pelos serviços prestados à Educação em Minas Gerais, pelo governador Itamar Franco e pelo secretário de Estado da Educação, Murílio Hingel. O fundador da APAE de São João del-Rei, Padre Luiz Zver, 87, foi o homenageado entre os profissionais da 34ª Superintendência Regional do Ensino (SRE), tendo sido indicado através do voto de professores e demais profissionais da Educação de toda a jurisdição da 34ª SRE. O prêmio foi entregue no auditório do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG).

Emocionado, Padre Luiz Zver disse que o prêmio é o reconhecimento do Estado à educação do excepcional. ‘Não aceitei por vaidade, mas porque o Estado reconheceu que o trabalho com o excepcional é importante, é válido.’

Há mais de 70 anos no Brasil, Padre Luiz Zver foi o fundador da APAE, em 1967, tendo se dedicado à educação do excepcional mesmo antes da data.

Nascido na Eslovênia, veio para o Brasil, para se tornar missionário entre os índios da Amazônia e de Mato Grosso, depois de ver frustrado o sonho de ir para a China e o Japão. Já no Brasil, abandonou a idéia de trabalhar entre os índios, depois que um superior lhe disse que 'em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, também havia muitos índios pelas ruas'.

'Virei um educador urbano', comenta. Com o trabalho desenvolvido em cidades de vários estados brasileiros, Padre Luiz foi incluído na lista de professores da recém-formada Funrei, em São João del-Rei, onde ficou até completar 70 anos. 'Nessa época, me disseram que eu não poderia mais trabalhar, por causa da idade. Me aposentaram, mas eu ainda não me aposentei até hoje', declara.

Saindo da Funrei, fundou a APAE, onde permanece à frente dos trabalhos até hoje. *'Minha história é muito interessante. Sou missionário dos excepcionais', diz ele.*

Atualmente, a APAE de São João del-Rei atende a 250 pessoas, incluindo algumas de Lagoa Dourada, Santa Cruz de Minas, Piedade do Rio Grande, Conceição da Barra de Minas e Coronel Xavier Chaves, onde ainda não existem APAEs."

Jornal "A GAZETA" de São João del-Rei.

"Padre Luiz Zver e a APAE – Uma história de amor ao próximo. Habitamo-nos a conviver com a sua força moral, inabalável em seus princípios e convicções. Poucas pessoas na história de São João del-Rei foram tão admiradas e respeitadas como Padre Luiz Zver.

A Igreja e a APAE tiveram o grande privilégio de ter uma personalidade carismática, uma liderança forte, um homem de cultura e de muita fé e caridade cristã.

Em sua personalidade conviviam o homem de fé, o missionário e o lutador. Sua arma: a fé, o chamamento à missão da Igreja e as suas tão queridas crianças especiais.

Padre Luiz Zver lutou, por toda a vida, para a instalação e a preservação da APAE. E o fez com absoluta convicção e inteireza. Ajudou-o

o carisma que recebeu de Deus; ajudou-o o fato de acreditar na inclusão de suas crianças dentro do contexto social. E tudo isso a serviço da causa da religião. O que permanecerá na história é sua imagem carismática, ao mesmo tempo, vigorosa, terna e profundamente religiosa.

O seu legado? Ele mesmo, com a sua persistência, dedicação e um eterno amor ao próximo, que veio preencher um vazio, sentido em nossa cidade e na vida das crianças especiais e suas famílias.

Na APAE, que tanto amava, ele empunhava a cruz, feita de madeira, com solenidade e força, como quem empunha uma lança de cavaleiro conquistador, para que o seu grande sonho, já realizado, continuasse vivo no coração de todos os são-joanenses: a APAE. Uma entidade filantrópica que exerce uma função importantíssima: prestar às pessoas portadoras de deficiência *uma assistência gratuita, com o objetivo de ampará-las, ajudá-las no seu desenvolvimento, recuperá-las quanto for possível, integrando-as na sociedade civil e defendendo-lhes os direitos de cidadania, como pessoas humanas que são.*

Ele acreditava que as criaturas especiais, tão rejeitadas, excluídas e/ou ignoradas, precisavam de um ambiente especial, de uma escola especial, de um local de trabalho especial. E, assim, surgiu a APAE.

Dizia que *'ajudar, assistir e, sobretudo, educar são atos de pessoa. Somente as pessoas educam, porque somente as pessoas amam. A educação é um ato de amor, e a educação especial é ato de amor especial'*.

A APAE, além de se preocupar com o desenvolvimento psicológico, com a saúde, a alimentação e o bem-estar dos alunos da entidade, também se preocupa em integrá-los na vida social da comunidade.

Muitos acreditam que é muito difícil trabalhar com as crianças. Mas é muito valoroso e gratificante. É uma experiência maravilhosa, pois o método é simples: tudo é feito com amor.

Os notáveis serviços que a APAE presta à comunidade, beneficiando e realizando obras humanas dignas de admiração e ajuda, devem muito à luta incansável e sem trégua do Padre Luiz Zver.

Outra grande luta do Pe. Luiz Zver: aceitar as pessoas como elas são. Promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientação, prestação de serviços, apoio à família, direcionando tudo

à melhoria de vida da pessoa portadora de deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.

Inclusão e paz só podemos alcançar se nos respeitarmos uns aos outros, compreendendo nossas diferenças e limitações.

Padre Luiz Zver, admirado e respeitado por todos que o cercavam, não se abalou diante das adversidades e dos obstáculos que surgiram em seu caminho; e conseguiu levar adiante a APAE. Vivia pensando em suas crianças, lutando por elas, procurando novos caminhos para manter a entidade sempre em frente.

Padre Luiz Zver apontou um caminho para dar dignidade e carinho às crianças especiais: a APAE. Pelas suas crianças ele nutriu um amor sem medidas.”

*Jornal “GERAES” de S. J. del-Rei – Ano IX, N. 322
– 8/2005*

“Deste benemérito mestre que, ora, terminou sua vida terrestre e mergulhou em Deus, nos ficaram as lições de suas virtudes teologais, que lhe fizeram minimizar o seu vasto saber humano que, em outros, talvez, fosse motivo de orgulho, descrença e egoísmo. Nele, porém, a ciência se fez sabedoria, base de uma fé carregada de tantas obras manifestas e que se traduzia, até, emocionalmente. Quantas vezes, de fato, nós o vimos derramar-se em lágrimas, ao falar da bondade divina que se nos manifesta através de Jesus e de Maria e ao comentar, com voz já embargada, as belas parábolas evangélicas, em suas missas dominicais, na sua capelinha da APAE, onde, ora, seus despojos mortais repousam ao lado direito do altar.

Que seu túmulo, Padre Luiz, seja ali o sinal de sua presença nesse lugar que você tanto amou, e seja penhor de um novo tempo, de uma verdadeira ressurreição para essa APAE, que foi a marca de sua vida.

Padre Luiz, você morreu. Ficou em nós uma tristeza mansa e bonita, uma lembrança serena e justa, um espaço sagrado e cheio de sua ausência. Foi também para você, Padre Luiz, que o profeta Daniel escreveu que os ‘Sábios resplandecerão como o esplendor do firmamento e os que

promovem a justiça brilharão como as estrelas por toda a eternidade'. Nós, deste jornal, guardaremos a sua recordação como a de alguém que tanto o apreciava, jornal que tinha em você seu melhor e mais ilustre leitor. Mas, enfim, tudo que é belo e bom tem de morrer, para que reste em nós esta interminável saudade que nada mais é do que um jeito de estarmos sempre juntos, na silenciosa presença de Deus."

Do Jornal da ASAP – Associação dos Aposentados e Pensionistas de São João del-Rei – maio/junho 2005 – Ano 10, N. 61.

"O desejo mais profundo do ser humano é amar e ser amado. A sede de felicidade é sede de amor, mas só um amor verdadeiro e duradouro torna a pessoa feliz. Hoje celebramos a festa do Coração de Jesus. Uma festa especial que nos convida a refletir sobre essa realidade de ver que somos frutos do amor de Deus.

Juntamente com a festa do Coração de Jesus, vamos rezar pelo Padre Luiz, que foi alguém especial, pois esteve aqui neste mundo e construiu uma história de amor. Como todas as histórias de amor, houve renúncias e muitas dificuldades. Mas podemos afirmar que valeu a pena, pois essa história contribui ativamente na luta para a construção de uma sociedade mais justa, na qual as diferenças são respeitadas e cada ser é valorizado na sua individualidade. Essa sociedade ainda não existe; mas se cada um plantar sua semente de amor, ela vai nascer e prosperar. Essa semente foi plantada pelo Padre Luiz, e nós que hoje estamos reunidos aqui, temos o firme compromisso de continuar semeando e relembando seus gestos de dedicação. Padre Luiz estará sempre conosco, dentro do nosso coração, e sua memória será preservada diante de nossos gestos em defesa dos direitos da pessoa com deficiência."

Adriana Sandim, professora da APAE

"Enquanto Padre Luiz esteve conosco, lhe prestamos muitas homenagens como nosso canto, nossas palavras e gestos de agradecimento.

Agora, ele não está mais entre nós, mas vamos continuar demonstrando-lhe nossa profunda gratidão e nosso afeto, pois sabemos que ele está junto do Pai e, lá de cima, ouvirá nosso canto e se sentirá emocionado como sempre. Suas lágrimas rolarão pelo rosto e, agora, os anjos vão secá-las, para que ele possa sorrir, na certeza de que sua dedicação valeu a pena. Vamos cultivar o amor que ele plantou.”

Funcionários da APAE e Equipe Litúrgica

“Durante toda sua vida, Padre Luiz nos deu um grande exemplo de amor. Ele amou a APAE, a vida sacerdotal e, sobretudo, a pessoa com deficiência. Ele nos ensinou a amar o outro, independentemente de suas dificuldades, e a valorizar os talentos e as virtudes de cada um.”

Alunos da APAE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas palavras do Pe. Jacy Cogo:

Eis, caríssimos irmãos salesianos, em breves pinceladas, o perfil do grande mestre e educador PADRE LUIZ ZVER. Muito, ainda, haveria para se escrever sobre sua extraordinária personalidade, que fez a diferença aqui em São João del-Rei, como em outros ambientes em que trabalhou.

Na nossa fé e certeza da eternidade, cremos que o Pai Celeste já o tenha consigo no céu. Não custa, porém, rezarmos por sua alma, pedindo, ao mesmo tempo, sua intercessão em favor da APAE desta cidade de São João del-Rei e por todas as obras sociais da nossa Inspetoria São João Bosco e da Congregação Salesiana.

Amigo e irmão em Dom Bosco,

Pe. Jayme Teixeira Filho
Diretor

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Padre Luiz Zver

☆ 8 de abril de 1913, em Toclócovje, Eslovênia

† 13 de junho de 2005, em São João del-Rei - MG, Brasil - com 92 anos de idade.